

PROCEDIMENTOS DE PREPARAÇÃO EM EQUIPE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NA INTERPRETAÇÃO DE PORTUGUÊS PARA LIBRAS NO TEATRO

Team preparation procedures: a reflection from experiences
in interpreting Portuguese to Libras on theater

Giovanna Cecconello Mendes¹
Tiago Coimbra Nogueira²

RESUMO

O trabalho aborda a interpretação no contexto do teatro. Nosso objetivo é descrever os procedimentos de preparação e divisão da equipe de intérpretes a partir de experiências de interpretação de português para Língua Brasileira de Sinais (Libras) no teatro e em equipe. A partir de uma metodologia descritiva, relatamos a vivência de interpretar três espetáculos na disciplina Prática de Interpretação de Libras III, no curso de Bacharelado em Letras: Tradutor e Intérprete de Libras – UFRGS. As reflexões se baseiam em estudos já

ABSTRACT

This paper consists on the interpretation on the context of theater. Our goal is to describe the preparation procedures and division strategies of the team, based on interpretation experiences working as a team. From a descriptive methodology, we report the experience of interpreting three performances on theater, on the subject of Interpretation Practice of Brazilian Sign Language III in the Bachelor Degree on Language: Translator and Sign Language

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

realizados no campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Algumas considerações sobre essa prática de interpretação nos fazem entender que cada espetáculo pode demandar diferentes modos de organização da equipe e formas de lidar com o texto. Além disso, o material que se recebe previamente direciona para o modo como a equipe pode se preparar e se organizar. Percebemos que são muitas as possibilidades que o intérprete pode trilhar, porém esses caminhos são conduzidos pelo texto, pela dramatização dos atores e pela equipe com quem se está trabalhando.

Interpret. The presented reflections are based studies on already carried out on the Translation and Interpretation of sign language field. Some considerations onto the interpretation practice make one believe that each play can demand different manners on the team's organization and ways of dealing with the text. Besides, the received material lead the way that the team can prepare and organize itself. By describing the used procedures, it was noticed that many are the possibilities where the interpret can walk through; however, those paths are conducted through the text, by the actors' dramatization and by the team with whom the work is done.

PALAVRAS-CHAVE

Interpretação em equipe; Intérprete no teatro; Preparação na interpretação para língua de sinais.

KEYWORDS

Interpretation team; Interpreter in the theater; Preparation in sign language interpretation.

Introdução

O espetáculo teatral envolve muitas etapas até sua apresentação, o mesmo ocorre com os intérpretes, que devem atentar como a equipe será formada para o trabalho, observando o estudo, a preparação e as diversas possibilidades de posicionamentos em cena (FOMIN, 2018). De acordo com Rigo (2018) e Fomin (2018), a esfera artístico-cultural com a atuação de intérpretes de Libras-Português, apesar de recente, tem se expandido e carece de investigações acadêmicas.

Nesse sentido, o presente trabalho visa a descrever os procedimentos de preparação e divisão da equipe de intérpretes, a partir de experiências de interpretação de português para Língua Brasileira de Sinais (Libras) no teatro e em equipe. O contexto dessa pesquisa se desenvolveu dentro do curso de

Bacharelado em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português e Português-Libras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Assim, relatamos as experiências durante a formação para atuação na esfera artístico-cultural, vivenciadas na disciplina de Práticas de Interpretação em Libras III do curso de Bacharelado em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras, em 2018. Os resultados aqui apresentados fazem parte de um estudo maior, realizado como trabalho de conclusão do curso, realizado pela autora do trabalho e orientado pelo segundo autor.

Alguns questionamentos nortearam nosso estudo: em que medida os materiais de preparação poderiam contribuir com a interpretação? Quais seriam os procedimentos utilizados para a preparação e atuação em equipe no teatro? Com esses questionamentos em mente, descreveremos a preparação e a divisão da equipe.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: primeiro, uma descrição do contexto investigado a partir de pesquisas filiadas aos estudos de tradução e interpretação de língua de sinais, depois abordamos os caminhos metodológicos e de análise, contendo as descrições das interpretações realizadas, e finalizamos com algumas considerações diante do cenário que investigamos.

1. O teatro, a esfera artístico-cultural e a interpretação interlíngua

A interpretação interlíngua – entre duas línguas, neste caso entre Português-Libras (PEREIRA, 2008) –, na esfera artístico-cultural engloba distintas situações. Segundo Fomin (2018), a interpretação em tal esfera ocorre em exposições, em espetáculos teatrais, shows musicais, espetáculos de dança, *slams* de poesia, contações de história, viradas culturais e viradas inclusivas, comícios, blocos de carnaval e paradas de rua. Muitas dessas interpretações acontecem em espaços públicos, teatros, palcos ou até em carros alegóricos, como trios elétricos. De acordo com Fomin (2018), esses contextos são espaços de muitos obstáculos:

O espetáculo teatral apresenta inúmeros desafios para o profissional TILSP (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português) que atua na interpretação em Libras. Além dos desafios de tradução do texto dramático e do que será proferido oralmente pelos atores, são diversos os elementos que compõem a cena. Portanto, o texto a ser interpretado é composto de muitos textos, sejam eles verbais sonoros ou visuais, aspectos que influenciam a compreensão do interlocutor e ampliam sentidos. (FOMIN, 2018, p. 59).

Logo, fica evidente que o intérprete necessita atentar ao texto, porém, não só à obra, mas a outros elementos que também compõem a cena. Pode-se mencionar as músicas, o cenário, a movimentação dos atores e suas gestualidades, a iluminação, a velocidade de fala, a pauta de discussão da peça e a todas as especificidades encontradas dentro das cenas,

Desta forma, compreendendo que uma das peculiaridades do teatro contemporâneo principalmente é a multiplicidade de linguagens, o tradutor de Libras deverá levar em consideração todos esses elementos em seu projeto de tradução, tais como: a iluminação, cenário, imagens, música, encenação etc., ou seja, toda a teatralidade com o propósito de harmonizar com a poética do espetáculo e viabilizar uma experiência estética ao espectador surdo. (SILVA-NETO, 2017, p. 45).

Nessa perspectiva apresentada por Silva-Neto (2017), o intérprete também deve estar preparado para lidar, em sua interpretação, com a criação e a dramaticidade existentes no contexto teatral. Silva-Neto (2017, p. 44) compreende que a dramaticidade está presente na “[...] inserção em diálogos, criação de uma tensão dramática e de conflitos entre as personagens, dinâmica da ação (dramática ou épica)”.

Humphrey e Alcorn (2007, p. 365), dizem que “existem várias opções de posicionamento e função disponíveis ao interpretar em cenários teatrais e de artes cênicas”³. Essas opções podem variar conforme o espetáculo, o local onde está sendo apresentado e também a quantidade de intérpretes disponíveis para a atuação. As opções de posicionamento podem variar, desde os intérpretes ficando em um lado do palco, ou até acompanharem os atores como suas sombras, se movendo com eles ao dizer suas falas e dramatizando as cenas.

No teatro, é mais comum o uso da interpretação simultânea, que de maneira geral é aquela que está sendo realizada em um momento muito próximo ao texto que precisa ser interpretado. Nogueira (2016), explica este conceito de um modo mais claro:

Na modalidade da interpretação “simultânea”, a questão da simultaneidade, na verdade é relativa. Existe sempre um *delay* entre a pessoa que fala e a produção do intérprete. Para conseguir realizar esse processo, o intérprete utiliza sua memória de curto prazo, o que exige dele também habilidades de

³ No original: *There are several placement and role options available when interpreting in theatrical and performing arts settings.*

processamento cognitivo, para que faça rápidas tomadas de decisões e escolhas interpretativas. Necessitando ainda uma concentração absoluta e grande esforço mental, além de atenção visual e atenção ao contexto. (NOGUEIRA, 2016, p. 79).

Desse modo, a complexidade para a interpretação simultânea é grande, o intérprete deve identificar problemas e buscar soluções. Um intérprete iniciante muitas vezes tem dificuldades em conseguir processar as informações na língua-fonte e produzir o discurso na língua-alvo. Nogueira (2016, p. 78) reforça que a interpretação simultânea exigirá “do intérprete um excelente conhecimento geral, uma excelente proficiência na compreensão e na produção das línguas envolvidas e habilidades, como a capacidade de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo”.

No teatro, portanto, tomar decisões sem estar preparado é sempre um grande desafio, uma vez que há possibilidade de se preparar com antecedência e pensar em estratégias que visam a contribuir para uma interpretação mais segura e coerente. Conforme Nogueira (2019, no prelo), “a preparação da interpretação contribui e afeta a qualidade da atividade interpretativa”. Assim, a preparação se torna fundamental como fase importante para a tomada de decisões no processo interpretativo.

O profissional necessita da preparação para realizar a interpretação de determinado texto, pois não há tempo para buscar e pesquisar suas dúvidas durante a interpretação simultânea. O espetáculo, em sua exibição, não poderá parar a fim de que o intérprete realize uma busca terminológica ou altere a estratégia de tradução. É nesse sentido que Humphrey e Alcorn (2007) apontam que o intérprete deve obter e estudar o roteiro e frequentar os ensaios, pois é participando dos ensaios que os intérpretes obterão informações sobre o desenvolvimento dos personagens de cada ator e poderão ser mais precisos em retratar as suas personalidades.

O texto teatral, dramático, pode ser muitas vezes complexo. Assim, além da necessidade da preparação prévia, a atuação em equipe é um meio valioso para a realização do trabalho. A interpretação em equipe ocorre em diversos âmbitos de trabalho, uma equipe tem como essência a colaboração mútua e integrada. Conforme Nogueira (2016), especificamente na área da interpretação simultânea de Libras, a interpretação em equipe é formada por, no mínimo,

2 (duas) pessoas que precisam estar dispostas a auxiliarem uma à outra, com revezamento, para que um único intérprete não atue em longos períodos e que ambos contribuam a fim de obter uma interpretação com melhor rendimento e evitar o cansaço físico e mental.

Uma das justificativas para atuar em equipe tem relação com a saúde dos intérpretes. Esse ainda é um assunto polêmico, pois muitos contratantes não entendem a necessidade da presença de mais de um intérprete em um evento interpretativo.

No ano de 2017, a FEBRAPILS (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais) publicou uma nota sobre o trabalho em equipe:

[A]s pesquisas que vêm sendo desenvolvidas com esses profissionais recomendam a troca entre as funções de uma equipe de intérpretes num período de 20 até 30 minutos. Estudos indicam que esse período é o tempo adequado para a concentração do intérprete, depois desse tempo (20min-30min), inicia-se um processo de fadiga mental que afeta a produção da mensagem. (FEBRAPILS, 2017, p. 2).

Na mesma nota a FEBRAPILS (2017) relatou algumas situações em que uma equipe de intérpretes é requerida, sendo algumas delas: aulas prolongadas; cursos, grandes conferências, seminários, discussões, debates, grandes reuniões coletivas e audiências e consultas jurídicas; situações que envolvam comunicação e/ou atendimento a pessoas surdocegas; situações que envolvam pessoas com dificuldades cognitivas e/ou emocionais; situações que envolvam pessoas com diferentes níveis de fluência em Libras e em Língua Portuguesa; situações em que a capacidade de ver e/ou ouvir a interpretação é limitada, sobretudo quando os intérpretes estão posicionados em locais para atender às necessidades de um público mais amplo; em unidades e instituições que demandem atendimento psiquiátrico e psicoterápico.

A interpretação de teatro não ficaria de fora dessa listagem realizada pela FEBRAPILS. Normalmente, peças teatrais são longas e possuem muitos objetos estéticos para a colaboração da dramatização de cenas e também diferentes atores para a atuação de diversos personagens. Assim, o intérprete de Libras carrega uma grande carga de responsabilidade para realizar sua interpretação e o trabalho em equipe auxilia nessa tarefa.

2. Caminhos metodológicos

Este trabalho é um estudo descritivo, observacional, retrospectivo, a partir de um estudo de caso. Para Yin (2005, p. 32) “um estudo de caso é uma investigação empírica que olha para um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real”. Baseados nesse autor, podemos dizer que o estudo de caso é um método de pesquisa que pode ser utilizado quando “deliberadamente [se] quisesse lidar com condições contextuais”. O que é o nosso caso: olhar para a interpretação no teatro realizada em equipe com tempo de preparação. Assim, reflete-se a partir da vivência e da prática do intérprete em formação, atuando no contexto do teatro pela primeira vez como intérprete de Português-Libras.

A turma que investigamos teve essa experiência com a interpretação no contexto teatral do mês de setembro até o mês de novembro do ano de 2018, em que estavam matriculados no sexto semestre na disciplina de Práticas de Interpretação em Libras III da UFRGS. Essa disciplina tem como objetivo praticar e estimular a interpretação simultânea dos alunos da Libras para o Português e vice-versa, colocando-os em contextos reais de interpretação.

No escopo do trabalho, serão descritos três espetáculos⁴ teatrais que fazem parte do projeto TPE – Teatro, Pesquisa e Extensão – e que foram interpretadas de Português para a Libras de maneira simultânea. O primeiro espetáculo teatral interpretado no mês de setembro de 2018 chamava-se “Ninguém falou que seria fácil” escrito por Felipe Rocha. Uma peça repleta de humor, sarcasmos e também, uma contribuição de drama. No mês de outubro de 2018 foi interpretada por Pedro Bertoldi e Thiago Silva a peça dramática baseada em fatos reais intitulada “Desterro”, de autoria dos intérpretes. E por fim, no mês de novembro de 2018, interpretamos a peça “Matei um cara”, um drama que envolve sarcasmos escrito por Daniel Dalmaroni.

O projeto começou no ano de 2003 a partir da necessidade de os alunos da graduação em Teatro da UFRGS abrirem um espaço de exibição focado em expor suas práticas envolvidas no curso, bem como em apresentar peças teatrais. Presentemente, o espaço de exibição encontra-se no campus Centro na sala Qorpo Santo, onde todas as quartas-feiras, no turno da tarde e noite, ocorrem apresentações abertas ao público.

⁴ As informações sobre as montagens e ficha técnica dos espetáculos encontram-se nas referências bibliográficas desta pesquisa.

No ano de 2019 foi realizada a 17ª edição do TPE. Pela primeira vez, em 2018, havia contado com a parceria em interpretação para Libras dos alunos do curso de Bacharelado em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras da UFRGS. De forma geral, as apresentações regularmente se iniciam no mês de abril e finalizam no mês de novembro, sendo apenas uma peça escolhida para cada mês, totalizando sete espetáculos por ano.

3. Análise e discussão dos resultados

A análise deste trabalho se concentrará no olhar da autora deste artigo, aluna que cursou a disciplina de Práticas de Interpretação em Libras III, do curso de Bacharelado em Letras-Tradutor e Intérprete de Libras, e estava realizando sua formação como intérprete de Português-Libras. Assim, optaremos por realizar as descrições dos procedimentos adotados para preparação e organização da equipe na primeira pessoa, abordando a perspectiva da experiência da aluna.

3.1. A preparação para a primeira peça

A peça “Ninguém falou que seria fácil” foi a de primeiro contato com a interpretação no teatro, então sabia que era necessária uma dedicação maior e, conseqüentemente, muito estudo. Já estava ciente que deveria pensar não só na divisão e organização do grupo, mas também em estratégias de interpretação. Era importante estudar de forma individual e coletiva, pois a atuação seria em equipe. O tempo de estudo para o teatro foi de três semanas. Como tínhamos um tempo consideravelmente curto, nesse primeiro momento foi necessário tomar decisões e aproveitar o máximo possível do tempo para focar no preparo. De acordo com Napier et. al. (2006), é recomendado que o intérprete inicie a preparação prévia do texto que será sinalizado a partir do roteiro original escrito.

Sendo assim, sobre os materiais para o estudo da obra, vale destacar que recebemos o texto dramático e um vídeo de 2005 com uma apresentação da peça encenada por outros atores. Mesmo não sendo uma gravação tal qual realizamos no momento da interpretação, o vídeo nos auxiliou na compreensão do contexto geral da peça, das piadas, do clima e de toda essa junção de aspectos que trariam sentido para os intérpretes pensarem nos procedimentos que deveriam ser adotados.

Todos os materiais foram recebidos pela plataforma Moodle. Os intérpretes em formação foram orientados, primeiramente, a estudar o texto e o vídeo em casa, de modo individual, situação na qual dúvidas e questionamentos foram surgindo. Logo após esse momento, houve um encontro dos alunos com o professor em sala de aula, para discutir as dúvidas com o grupo.

Nessa direção, como um dos primeiros procedimentos de organização da equipe, dividimos o grupo de seis alunos em dois turnos: o turno da manhã e o turno da noite. Logo três colegas assumiram a interpretação da primeira apresentação do dia e os outros três assumiram o turno da noite, a segunda apresentação. Conforme a minha disponibilidade e a dos colegas, concluí que o meu turno seria o da noite. Esse combinado de divisão de equipe foi também utilizado para as demais peças que iríamos interpretar. Outras divisões da equipe poderiam ser acionadas, porém para a organização do grupo foi preciso tomar uma decisão, e fatores como disponibilidade para a interpretação nos dois turnos ou em apenas um foram levadas em consideração.

Essa combinação entre os membros de cada equipe, seus horários e escala de atuação, são pontos importantes para o funcionamento do trabalho em equipe. Durante essa prática, adotar tais procedimentos foi necessário. Logo após essa primeira decisão, começamos a pensar nos procedimentos para cada um atuar, de modo que o tempo de interpretação ficasse justo a todos. Decidimos, então, utilizar um método de separação por cenas.

A organização por cenas consiste em olhar o texto e verificar a quantidade de cenas e a quantidade de intérpretes disponíveis e, assim, também aproveitar a familiaridade dos intérpretes com cada cena. Alguns alunos já haviam assistido à peça em um momento anterior ao estudo e, então, puderam auxiliar com essa metodologia.

Sendo assim, separamos duas cenas para cada intérprete, sendo aproximadamente de 10 a 15 minutos de interpretação para cada aluno. Mas, como a peça tinha cerca de 50 minutos, quando o ciclo de trocas fechasse entre intérprete de turno e intérprete de apoio, o primeiro intérprete retornava ao palco, e assim por diante.

A equipe priorizou ter uma intérprete mulher em algumas cenas em que também houvesse uma personagem mulher, assim ficaria mais fácil a incorporação de determinados assuntos para a intérprete. Um exemplo disso é

o monólogo “Ausência”, em que a personagem é uma jovem que fala sobre a ausência de seu pai. Concluímos que caberia nesse momento a uma intérprete do sexo feminino realizar essa interpretação, pois talvez a incorporação com um intérprete do sexo masculino não tivesse tanta relação e conexão em cena. Esse procedimento nos mostra que, ao estudar o texto, a equipe pode definir melhor em que momento cada membro irá atuar.

Conforme Magalhães Junior (2007), para que o intercâmbio, bem como a troca de ideias entre os intérpretes, funcione de forma eficiente, é preciso que a equipe partilhe “um código de comunicação comum”. Poderíamos dizer que, no teatro, a possibilidade de combinação prévia possibilita essa troca dos intérpretes com mais tranquilidade, decidindo previamente quem e quando atuará.

Um dos procedimentos usados para a preparação foi pensar juntos como interpretar as metáforas e combinar vocabulários comuns entre as cenas. Por exemplo, no mesmo encontro definimos em conjunto os sinais pessoais para os personagens. Esse procedimento se baseia no que Napier et. al. (2006,) aponta que, quando o intérprete usa a estratégia da datilologia para referência de nomes, dificilmente o público perceberá. Portanto, a opção de criação de sinais pessoais para os personagens é um procedimento adotado, que precisará ser embutida de alguma forma na encenação, de maneira que seja possível identificar de quem se está falando na cena.

Se tornou importante que os mesmos sinais fossem usados por todos os intérpretes ao nomear os personagens e, também, para qual lado iríamos nos direcionar para falar sobre determinada pessoa; para onde direcionar o olhar quando fosse um monólogo ou quando fosse um diálogo. A decisão de criar o sinal pessoal para cada personagem, com a letra inicial de cada nome, foi tomada pela equipe, pois com a pressão do tempo e da inexperiência, talvez pudesse gerar dificuldades ou até mesmo esquecimento do sinal caso a opção fosse criar algo mais complexo. A escolha mais geral foi, primeiramente, fazer a datilologia do nome do personagem em sua primeira aparição e logo após seguir fazendo apenas o seu sinal.

Também aproveitamos esse encontro entre alunos e o professor para realizar uma simulação da interpretação, conforme a estratégia adotada pela equipe de separação de cenas. Realizamos a interpretação ouvindo o áudio do vídeo que havia sido disponibilizado. Nossa sala de aula é um laboratório que,

por meio de fones de ouvidos em cabines, permite que todos ouçam o áudio que o professor disponibiliza em seu computador. Assim, todos ficaram em uma das cabines, em pé, com fones de ouvido, interpretando o vídeo das cenas previamente acordadas.

Esse exercício permitiu que cada um visse a interpretação de todos da equipe, recebendo o *feedback* do professor e dos colegas. Como iriam interpretar uma cena que também iria ser interpretada por outro na seção da manhã, houve conversas sobre as escolhas que poderiam ser realizadas. Assim, foi possível vivenciar um pequeno exemplo de como interpretar uma peça de teatro. A atividade de simulação é uma estratégia possível de preparação da interpretação quando se tem um material em vídeo de referência.

Após esse estudo em conjunto, tivemos aproximadamente duas semanas para estudar em casa e assistir à peça na sala Qorpo Santo, para que houvesse esse contato com os atores e uma aproximação com o teatro, no sentido de familiarizá-los com o tom de voz, o palco, o ambiente em si, mas, principalmente, para que prestassem atenção em detalhes e momentos em cena que fossem trazer desafios maiores, uma vez que

[...] é necessário que se tente saber, por exemplo, como os atores irão interpretar o texto da peça e como costumam se portar em suas performances. Naturalmente, fazem decisões diversas sobre a velocidade de execução de suas falas, o tom emocional que querem empregar em suas apresentações, as questões técnicas de luz e sombra, os detalhes de cada personagem, caracterizações e como esses se relacionam com os demais e com o público alvo, etc. (RIGO, 2018, p. 35).

Ainda que, em algumas peças, o ator possa interagir com o público, e isso pode não estar presente no roteiro ou texto, estar preparado para esse tipo de comunicação é um pequeno detalhe que ajuda a aumentar o preparo do intérprete e o deixar mais seguro. E essa preparação se dá ao interesse desse intérprete em estar participando da peça não como um ator, mas como alguém que precisa conhecer os processos tanto como os atores. Após estudar com os colegas, a próxima etapa se deu em um exercício individual, o qual era um momento de concentração e esforço para que a prática ocorresse conforme havia planejado.

A rotina de estudo individual era composta por ler diversas vezes o texto e sinalizar na frente do espelho para poder analisar as expressões faciais e corporais, cuidando, então, da marcação do olhar, da realização dos sinais,

bem como da preocupação com a clareza da configuração de mão e do direcionamento do corpo. Conforme Rigo (2018), podemos ver a importância de estudar o texto do teatro, mas devemos pensar também que no momento da apresentação sempre há improvisos. Assim,

Uma recomendação que se costuma fazer é que o profissional comece assim que possível a preparar seu texto a ser sinalizado a partir do texto de partida escrito. Contudo, isso pode não ser tão funcional, uma vez que o texto a ser traduzido pode sofrer inúmeras alterações ao ser executado ao vivo. (RIGO, 2018, p. 35).

Por mais que sinalizasse o texto em casa e assistisse algumas vezes ao vídeo que foi disponibilizado, sabia que no momento da interpretação poderiam ocorrer diversos fatores que mudassem a interpretação. O estudo em casa era um preparo para aquilo que iria enfrentar. Compreendo que a preparação contribui com vocabulário, contexto e o entendimento de aspectos das cenas, como música, iluminação e velocidade de voz dos personagens.

Também buscava me comunicar com os colegas a partir da ferramenta *WhatsApp* para tirar dúvidas de sinais, pois a mesma permite a gravação de vídeos, facilitando o compartilhamento de gravações da equipe. Outra opção foi a ferramenta *You Tube*, que ajudou na busca terminológica.

De modo geral, o estudo era sempre composto por assistir à peça, pelo menos uma semana antes do dia da prática de interpretação, para assim nos familiarizarmos com os personagens, a velocidade das falas e todo o espetáculo teatral em si. Conforme Rigo (2014, p. 04) “esses momentos de ensaio são imprescindíveis na medida em que envolvem o planejamento dos atores e intérpretes no palco, incluindo suas entradas, saídas e movimentações, bem como as interações entre si”. Esse procedimento de assistir ao espetáculo era um substituto para o ensaio, visto que não havia mais momentos de montagem e ensaio dos espetáculos interpretados. Os atores apenas passavam algumas cenas antes de iniciar as peças.

3.2. A preparação para a segunda peça

Para o preparo da peça “Desterro” de Pedro Bertoldi e Thiago Silva, uma semana antes da interpretação a equipe se reuniu novamente e em cada cabine conseguimos treinar individualmente. Cada aluno sinalizava e fazia a busca terminológica do que tinha dúvida. Quando não conseguíamos resolver

o problema individualmente, recorriamos ao colega. Foi de extrema importância esse encontro para debatermos dúvidas de vocabulário. Percebemos aqui que houve um estudo individual e em equipe ao mesmo tempo. Essa é uma estratégia possível de preparação, estudo no mesmo local, porém cada intérprete realizando uma atividade.

Acessar os materiais disponibilizados como o texto teatral e os vídeos exibidos pela peça contribuía para o contato com a velocidade da fala, o sotaque e o vocabulário que estavam presente nesses materiais. Foi importante repetir essa visualização de materiais para que a equipe de intérpretes se acostumasse com o que estaria no espetáculo, evitando assim equívocos durante a interpretação.

Houve, também, um momento em que o professor nos auxiliou com a divisão de cenas, com algumas dúvidas de vocabulário e hipóteses sobre quais seriam nossas estratégias de tradução. A nossa divisão de intérpretes no palco se constituiu pelo tempo. Não focamos tanto em cenas, mas sim em de maneira que cada aluno tivesse um tempo semelhante de interpretação no palco.

Na peça anterior, a divisão foi realizada por cenas, assim, alguns colegas precisaram retornar ao palco quando o rodízio acabava. Então, acordamos que nessa peça o tempo em palco seria igual para todos. Portanto, como o espetáculo duraria aproximadamente 50 minutos, dividimos 15 minutos para cada um, certamente observando um ponto possível de troca entre os intérpretes.

O estudo individual, novamente, se constituiu da leitura e releitura do texto, mas focava principalmente nas cenas que seriam interpretadas por mim. Sinalizava na frente do espelho ou até mesmo gravava com o celular. O objetivo foi entender o contexto, realizar pesquisas sobre quem/o que eram as pessoas e/ou os acontecimentos que eles traziam para a peça, do que se tratava, quando aconteceu, etc. E assim, conseguia me aproximar do assunto e melhorar as escolhas interpretativas.

Um dos estudos realizados foi acerca do vídeo que era mostrado durante a peça e que nos foi disponibilizado para o estudo. Gravado pela Comissão Nacional da Verdade, o material mostra um recorte de uma entrevista com Paulo Malhões que, conforme o site Memórias da Ditadura, foi um torturador que “[...] admitiu envolvimento em torturas, mortes e ocultação de corpos de vítimas da ditadura [...]”⁵.

⁵ Fonte: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/paulo-malhaes/>>.

Ao me deparar com o vídeo, não sabia exatamente do que se tratava, então precisei estudar para entender melhor esse contexto, pois, sem saber determinadas informações, ficaria difícil escolher os sinais, as expressões, etc. Era preciso saber quem era Paulo Malhães, conhecer sua história e então pensar nas estratégias de tradução. Nogueira (2019, no prelo) explica que, “contudo, por mais que os intérpretes se dediquem, é impossível dominar bem todas as áreas do conhecimento em suas diferentes abordagens e temáticas”. Ou seja, pensando no teatro, às vezes encontramos assuntos que não dominamos totalmente, por isso precisamos pesquisar, ler e estudar. Isso se relaciona com a concepção de Nogueira (2016) sobre a interpretação simultânea exigir do intérprete um excelente conhecimento geral.

Sobre Paulo Malhães, perguntei à minha colega em sala de aula sobre o personagem. Considero essa conversa um estudo individual, pois só eu e a minha colega pesquisamos naquele momento sobre esse vídeo. Foi algo particular. Então, aproveitamos esse momento e em sala de aula realizamos um estudo de forma rápida no *Google*. Apenas colocamos o nome de Paulo Malhães e assim pudemos ter acesso a informações que nos auxiliaram a entender o contexto do vídeo.

Nogueira (2019, no prelo) explica que “[...] uma equipe de intérpretes não deve limitar sua preparação aos materiais enviados pelos palestrantes”. Logo, no contexto teatral e não de conferência, os palestrantes seriam as falas dos personagens. Ou seja, acredito que no teatro não devemos nos limitar apenas ao texto e nos prender ao vocabulário. Podemos pesquisar sobre a discussão que o espetáculo aborda, precisamos saber o contexto, como o exemplo sobre quem era Paulo Malhães. Nesse sentido, os intérpretes devem ter uma preocupação com todo o contexto e não só com vocabulários durante a interpretação.

Vale mencionar que, como na peça anterior, também foi possível assistir uma apresentação de “Desterro”, para que houvesse o contato com as cenas e tudo que engloba o teatro em si. Por fim, buscava-se estudar o texto até o momento de iniciar a interpretação da peça, bem como relembrar as combinações feitas em grupo e com o professor.

3.3. A preparação para a terceira peça

Desta vez, decidimos empenhar uma estratégia diferente. Utilizamos dois intérpretes no palco, pois a peça “Eu matei um cara”, de Daniel Dalmaroni, era quase que inteiramente realizada em diálogos. Havia algumas problemáticas,

seriam elas: em algumas cenas, os quatro personagens estavam conversando e, então, cada intérprete deveria assumir a interpretação de dois personagens; a ideia era que ficasse menos confuso ao público surdo para identificar os personagens. Também, seria mais leve para nós intérpretes assumirmos dois personagens, ao invés de quatro, durante a cena.

E então a preparação da turma foi duplamente em equipe. Além de treinarmos todos os seis juntos, deveríamos sinalizar juntamente da nossa dupla para combinarmos o direcionamento do olhar, a velocidade da sinalização e acordar de usar sempre os mesmos sinais para determinadas palavras. As preparações foram imprescindíveis, com muito esforço e combinações. Nessa peça, mais do que nas outras, deveríamos trabalhar em equipe, respeitando o momento e o espaço do outro.

Nesse espetáculo, tivemos acesso ao texto dramático, mas também à gravação da própria peça a ser interpretada, com os mesmos atores, mesmo ambiente, cenário e figurino. Foi a única vez que tivemos o acesso com tal característica. E então foi proporcionada uma experiência diferente dos outros espetáculos. O vídeo pôde trazer mais segurança no momento de preparação, inclusive a oportunidade de assisti-lo diversas vezes. Ou seja, a equipe se sentiu mais confiante pelo fato de o material permitir uma aproximação muito similar à exibição para a audiência da peça.

Pensando na presença de dois intérpretes em cena, não podíamos apenas nos preocupar com a fala do personagem, revelando-se necessário estarmos atentos à sinalização do intérprete que estaria ao lado enunciando o outro personagem. Era como se houvesse um diálogo entre os intérpretes, na mesma medida em que ocorrera entre os personagens. Napier et. al. (2006) apontam que em uma prática como essa, que envolve a participação de dois intérpretes no palco, exige-se que a equipe esteja confortável trabalhando junta, é importante ter uma atenção especial às relações entre os personagens, evitando que os diálogos se sobreponham, causando confusões, ou que um dos intérpretes assuma a interpretação por muito tempo, ficando sobrecarregado. Além disso, é essencial que a posição dos personagens seja determinada e conhecida pelos intérpretes, de modo que possam praticar essas mudanças de posicionamento de forma sincronizada em toda a peça.

Diante disso, assistimos ao espetáculo inteiro na posição de espectadores, como nas outras peças, antes de interpretar. Porém, o intérprete nunca é um

espectador comum, assistir previamente ao espetáculo é sempre uma oportunidade para a comparação com o texto escrito, para observar se há uma mudança no texto, perceber a entrada e a saída dos personagens em cena. Tudo para poder olhar para o texto de modo a pensar na interpretação. Assistir à peça teatral antes da interpretação é um procedimento fundamental à preparação.

3.4. Elementos comuns e distintos

Após observar a análise da preparação juntamente com o trabalho em equipe, é possível identificar alguns procedimentos comuns e outros distintos entre esses espetáculos. Abaixo temos duas tabelas que sistematizam os elementos que compuseram cada peça e também os materiais que o grupo de intérpretes recebeu para realizar o preparo. Vejamos:

Tabela 1 – Elementos que compõem cada peça.

	Blackout	Materiais sonoros	Metáforas	Criação de sinal pessoal	Posicionamento em palco com dois intérpretes
Ninguém falou que seria fácil	X		X	X	
Desterro	X	X	X		
Matei um cara			X		X

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Tabela 2 – Materiais recebidos para o preparo.

	Texto dramático	Vídeo da própria peça	Vídeo de outra versão da peça	Materiais sonoros
Ninguém falou que seria fácil	X		X	
Desterro	X			X
Matei um cara	X	X		

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

É possível verificar, conforme as tabelas 1 e 2, as distinções e semelhanças dos elementos que compõem as peças e os materiais enviados à equipe de intérpretes para que pudessem realizar a preparação. Por exemplo, nem todas tinham o efeito *blackout* durante suas cenas, mas todas continham metáforas em

seus textos. Além disso, apenas em uma peça houve o diferencial de dois intérpretes atuando no palco. Essas especificidades tornam cada espetáculo teatral singular à prática da interpretação.

Em relação aos materiais recebidos, a distinção é ainda maior. Mesmo com a semelhança do texto dramático – uma vez realizado o envio pelos três grupos teatrais, o qual consistia em roteiro de falas dos atores –, há diferença a respeito dos vídeos e áudios aos quais tivemos acesso. Os intérpretes tiveram materiais distintos para realizar a preparação em cada mês, o que nos direciona a pensar que a prática da preparação à interpretação no teatro pode assumir caminhos e momentos distintos, assumindo diversas possibilidades de estudo do material, do conteúdo no espetáculo e de pensar nos procedimentos que devem ser adotados.

O acesso prévio, garantido pelo grupo de teatro, ao vídeo com a gravação do espetáculo, tem a função de ajudar a equipe a compreender a peça teatral. No entanto, trata-se de uma experiência diferente quando há acesso a uma gravação que não é exatamente a gravação real do espetáculo que será interpretado, ou ainda, quando não há acesso prévio à gravação. Sendo assim, o material disponibilizado pode orientar a definição de procedimentos a serem adotados na interpretação.

Outro ponto que merece destaque é o tempo dedicado para cada espetáculo. Na primeira peça, tivemos acesso ao material com antecedência, estudando durante (três) semanas o material recebido; no segundo espetáculo, houve o tempo de preparação de duas semanas; e, na terceira peça teatral, apenas uma semana de preparação. O tempo de estudo sofreu redução no decorrer da atividade conforme os materiais de estudo foram enviados. O que nos estimula a compreender que possíveis alterações no recebimento do material exigirá que a equipe não negligencie os processos de estudo, mas gerencie o tempo disponível para realizar os processos necessários.

Considerações finais

Diante das experiências de interpretação dessas três peças de teatro na disciplina de Prática de Interpretação de Libras III, no curso superior de formação de intérpretes, é possível observar um grande exercício de preparação para organizar os estudos. Por exemplo, aprender a iniciar um estudo para uma

interpretação no contexto teatral, saber lidar com o trabalho necessário, em equipe e também individual.

As experiências nos mostram que uma equipe deve trabalhar focando no espetáculo, realizando diferentes combinações para o funcionamento da interpretação e contribuindo à compreensão de quem assiste.

Uma dessas combinações se dá no uso de determinados termos. É recomendado que a equipe se preocupe em combinar os sinais a usar. Por exemplo, não usar diferentes sinais para uma mesma palavra, isso pode deixar o público surdo confuso. Sabemos que a variação linguística existe, mas para a interpretação de uma peça de teatro é importante que a equipe esteja atenta a uma padronização lexical.

Além disso, é compreensível que espetáculos diferentes possam exigir organizações diferentes das equipes e da forma de lidar com o texto. Vale mencionar que os materiais acessados com antecedência contribuem positivamente e direcionam para o modo como a equipe pode se preparar e se organizar para a atuação.

Também é necessário desenvolver a autonomia da preparação. Estudar de forma individual de diferentes maneiras, bem como assistir aos vídeos, ler os textos e sinalizar em frente ao espelho, trazem muitos aprendizados. Desse modo, podemos dizer que não há um estudo em equipe se não houver um estudo individual.

Ao descrever os procedimentos utilizados percebemos que são muitas as possibilidades na atuação do intérprete nos contextos artístico-culturais, porém esses caminhos são conduzidos pelo texto, pela dramatização dos atores e pela equipe com quem se está trabalhando. Por isso, é preciso observar as falas, o vocabulário e todo o contexto da cena, para então realizar as escolhas que contribuam com a interpretação.

Nessa perspectiva, foi possível perceber a importância da discussão das cenas em equipe com interesse em verificar as especificidades existentes em cada peça teatral e planejar soluções às metáforas, criar os sinais pessoais para personagens e até mesmo debater sobre o posicionamento do intérprete no palco.

Também é válido lembrar a importância de o intérprete ter acesso ao texto dramático e a outros materiais disponíveis para o seu preparo individual antes do encontro com sua equipe, pois assim é possível que o grupo se reúna

com considerações e concepções para a interpretação, possibilitando um melhor rendimento em conjunto.

Tornou-se evidente o quão significativo é, para o momento de preparação, a disponibilidade de materiais para estudo prévio. Como se pode verificar, em cada peça teatral a equipe de intérpretes recebeu materiais diversos e, assim, tiveram variadas maneiras para estudar e se preparar, se adaptando ao que receberam. Nossa análise apresenta variadas formas de lidar com o material recebido no momento de preparação, seja por exercício simulados de interpretação do espetáculo, seja por reuniões de combinação, terminologia e funcionamento da equipe, seja por interpretação de forma individual com *feedback* do professor, seja por busca em ferramentas de consulta, reafirmando diferentes possibilidades para preparação do ato interpretativo em equipe.

Durante a realização deste trabalho, também foi possível perceber que os estudos voltados para a área ainda estão em desenvolvimento, pois a interpretação na esfera artístico-cultural está crescendo e isso acarreta em um aumento das pesquisas focadas na busca de melhores procedimentos, com o desejo de apresentar caminhos para a interpretação no teatro. Então, acreditamos que a realização deste trabalho se soma ao interesse em promover reflexões e em incentivar mais um pensamento sobre as práticas de preparação para a interpretação em contexto teatral.

REFERÊNCIAS

DESTERRO. Dramaturgia: Pedro Bertoldi e Thiago Silva. Elenco: Gabriel Fontoura, Jardel Rocha, Pâmela Bratz, Pedro Bertoldi, Roger Santos e Thiago Silva. Cenário: o grupo. Figurino: o grupo. Iluminação: o grupo. Direção: Coletivo Nômade de Teatro e Pesquisa cênica. Realização: Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE). 60 minutos. Exibido em Sala Qorpo Santo, Porto Alegre, out. 2018.

FEBRAPILS. *Nota técnica nº 02/ 2017* – nota técnica sobre a contratação do serviço de interpretação de Libras/português e profissionais intérpretes de Libras/português (revezamento e trabalho em equipe). Disponível em: <<http://febrapils.org.br/documentos/>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

FOMIN, C. F. R. *O tradutor intérprete de Libras no teatro: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos*. 2018. 250 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos

da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21782>> Acesso em: 27 fev. 2020.

HUMPHREY, J.; ALCORN, B. *So You Want To Be An Interpreter? An Introduction to Sign Language Interpreting*. 4th Ed. Seattle, WA: H & H Publishing Co., 2007.

NAPIER, J.; MCKEE, R.; GOSWELL, D. *Sign Language Interpreting: theory & practice in Australia and New Zealand*. Sydney: The Federation Press, 2006.

MAGALHÃES JUNIOR, E. *Sua majestade o intérprete: o fascinante mundo da interpretação simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NINGUÉM FALOU que seria fácil. Texto original: Felipe Rocha. Dramaturgia: o grupo. Elenco: Ana Caroline de David, Bruna Ávila, Caroline Genro, Gabriela Chaves, Isadora Fraga, Ricador Zigomático, Silvana Rodrigues e Thaini Menegazzo. Trilha sonora: Ander Belotto. Cenário: o grupo. Figurino: o grupo. Iluminação: Virgínia Cigolini. Direção: o grupo. Realização: Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE). 75 minutos. Exibido em Sala Qorpo Santo, Porto Alegre, em setembro de 2018.

NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

NOGUEIRA, T. C. Atividade de preparação para intérpretes de Libras-Português em conferências. In: *Estudos da Língua Brasileira de Sinais (SELS VI)*. Florianópolis. V. 6. 2019. No prelo.

MATEI um cara . Texto original: Daniel Dalmaroni. Direção: Carlos Rasch. Elenco: Aline Bjerck, Fernanda Guimarães, Lana Lima Fritsch e Rodolfo Ruscheinsky. Trilha sonora: Carlos Rasch. Cenário: O grupo. Figurino: O grupo. Iluminação: Rodrigo Sacco Teixeira. Orientação de direção: Michele Almeida Zaltron. Orientação de atuação: Claudia Sachs. Realização: Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE). 40 minutos. Exibido em Sala Qorpo Santo, Porto Alegre, novembro de 2018.

PEREIRA, M. C. P. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. *Cadernos de Tradução*, PGET. UFSC. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

RIGO, N. S. Reflexões sobre o contexto artístico-cultural de atuação do tradutor-intérprete de língua de sinais. *Guará*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 31-41. 2018. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/6466/3832>>. Acesso em: 12 fev. 2020

RIGO, N. S. Tradução-interpretação teatral: desafios e soluções em “O Som das Cores”. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2014b. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/3071.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2020

SILVA-NETO, V. S. da. *A formação de tradutores de teatro para Libras: questões e propostas*. 2017. XIV, 121 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) —Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_d60bc16d79d15c22fb89c7952c5d262e>. Acesso em: 5 fev. 2020.

YIN, R. *Estudo de caso*. Planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.